PROCESSOS ECONÔMICOS RECENTES NO EXTREMO SUL DE SANTA CATARINA: UM ENSAIO

Hoyêdo Nunes Lins[1]
Lincon Coelho dos Santos[2]

Resumo

O extremo sul catarinense quase nunca tem destaque nas abordagens sobre a economia estadual. Este artigo, baseado também em pesquisa de campo, focaliza a região com interesse nos processos que lhe afetaram a trajetória e na possibilidade de sistematizar informações sobre território externo aos principais eixos da economia do estado. Após caracterizar a região, discorre-se sobre o ciclo calçadista. Depois foca-se a duradoura presença da produção de roupas, traduzida em numerosos trabalhadores, fábricas e centros de comercialização. Sobre o setor primário e a produção de alimentos, fala-se dos principais produtos e da avicultura, tratada em relação com o processamento de carnes. A última parte antes das considerações finais ocupa-se da "litoralização", expressa no contraste entre forte crescimento populacional dos municípios litorâneos e redução absoluta em alguns interioranos da região.

Palavras chaves: Extremo sul catarinense; Processos recentes; Calçados-vestuário-alimentos

Classificação JEL: R11

[1] Professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutorado em Geografia Organização do Espaço. Universite de Tours (Universite Francois Rabelais), U.T., França. E-mail: hnlins@cse.ufsc.br.
[2] Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: lincon_coelho@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Uma característica de Santa Catarina é a forte vinculação entre setores de atividades produtivas e regiões estaduais. Aparentemente, esse traço não tem paralelo em outros estados brasileiros, pelo menos com a mesma intensidade e abrangência.

Essa relação diz respeito, antes de tudo, à produção industrial. As atividades dos três principais complexos industriais catarinenses, o eletrometalmecânico, o têxtil e vestuarista e o agroalimentar, mostram-se bastante concentradas no norte-nordeste, no Vale do Itajaí e no "grande" oeste, nesta ordem. Outros setores, como o cerâmico e o moveleiro, exibem igualmente forte especificidade espacial. Fato histórico, essa divisão do trabalho ao mesmo tempo setorial e territorial permanece visível na atualidade, ainda que os limites do mosaico tenham perdido nitidez no bojo da contínua reconfiguração da produção industrial.

Em tal geografia, a porção meridional de Santa Catarina costuma ser referida, em primeiro lugar, pelo peso das atividades ligadas ao carvão, de crucial importância na trajetória regional. Mas a diversificação produtiva registrada na segunda metade do século XX, destacando-se a emergência e solidificação tanto da cerâmica de revestimento (pisos, azulejos) quanto dos produtos plásticos (para uso doméstico), entre vários setores e segmentos, impõe outros contornos ao modo como a região deve ser registrada na referida cartografia.

Seja como for, nesse mapa econômico o extremo sul catarinense – para além da área carbonífera, rumo à fronteira com o Rio Grande do Sul – quase nunca (se é que ocorre) logra indicação de maior relevo. Aliás, não parece exagero considerar que essa região amarga uma condição de "lacuna" nas apreciações sobre a *space economy* de Santa Catarina.

É a esse sul extremo que se reporta este artigo, concebido como um ensaio e elaborado, portanto, com esse perfil. A motivação central foi a curiosidade sobre os processos em curso desde o final do século passado em área costumeiramente ofuscada – no que concerne ao interesse, refletindo em estudos e disponibilidade de informações sobre o "grande" sul de Santa Catarina – pelos movimentos e problemas seja de Criciúma e seu entorno mais imediato ou, secundariamente, de Tubarão e arredores. O tra-

balho combinou pesquisa bibliográfica e documental e pesquisa de campo para levantamento direto de informações. A segunda incluiu entrevistas na Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense, na Secretaria de Desenvolvimento Regional de Araranguá, nas prefeituras de Balneário Gaivota e de Turvo, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jacinto Machado e junto a três fabricantes de artigos de vestuário em Sombrio.

Como nenhuma estrutura regional e nenhum processo nessa escala apresentam-se num vácuo de relações, é importante assinalar desde logo o contexto mais geral dos movimentos perscrutados no extremo sul catarinense. Trata-se do que correu no Brasil desde o início dos anos 1990, principalmente, em termos de desregulamentação e abertura comercial e de reformas na atuação do Estado, o conjunto admitindo referência como mudanças de marco regulatório. Um dos maiores reflexos foi o grande aumento da concorrência no mercado interno, na esteira de uma vertiginosa escalada das importações. Esse quadro teve impactos generalizados e impôs reestruturação produtiva em diferentes setores, com manifestações em escala de estados, regiões e localidades.

Começa-se com uma breve caracterização da área estudada, evocando inclusive aspectos históricos, exercício que de pronto oportuniza uma descrição do ciclo calçadista registrado na região.

2. NOTA DE CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO COM DESTAQUE PARA O CICLO CALÇADISTA

Uma maneira cômoda de alinhavar alguns comentários de caracterização sobre o extremo sul de Santa Catarina é considerar o recorte institucional representado pela Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC), haja vista o agrupamento regional dos dados disponíveis. Cabe falar alternativamente da Microrregião do Extremo Sul Catarinense, uma divisão territorial utilizada pelo IBGE, já que a composição municipal é idêntica à da AMESC.

O território regional não é pequeno. Seus quinze municípios distribuem-se do litoral à encosta da Serra Geral, no sentido leste-oeste, e da foz do rio Araranguá à divisa com o Rio Grande do Sul, no norte-sul. A figura 1, que exibe o mapa político da AMESC – coincidente como o da referida microrregião – , fornece uma ideia sobre a amplitude.

Figura 1 – Mapa político da Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC)

Fonte: AMESC (2012)

No Censo Demográfico de 2010, os residentes somavam 180,8 mil, equivalentes a 2,9% do total catarinense. Apenas dois municípios exibiam população maior do que 20 mil. Araranguá é o município mais populoso, com 61,3 mil habitantes naquele ano, superando em 2,3 vezes a população do segundo colocado, Sombrio. Dessa forma, o primeiro erige-se em "candidato natural", claro que no tocante à sua sede, à condição de centro de gravidade regional.

Seis municípios tinham mais habitantes no meio rural do que no urbano, o que contribui para uma taxa de urbanização regional bastante inferior à de Santa Catarina como um todo. Os municípios litorâneos ou mais próximos à orla concentravam os maiores níveis de urbanização (Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Passo de Torres e Sombrio) e os mais próximos da Serra Geral apresentavam-se entre os mais rurais, exemplificados por Jacinto Machado, Morro Grande, Timbé do Sul e Ermo (Tabela 1).

Tabela 1 – População segundo a situação do domicílio – Municípios da Microrregião do Extremo Sul Catarinense e da AMESC e Santa Catarina – 2010

Municípios, AMESC ou Microrregião, Santa Catarina	População Urbana	População Rural	População Urbana (%)	População Rural (%)
Araranguá	50.526	10.784	82,4	17,6
Balneário Arroio do Silva	9.391	195	98,0	2,0
Balneário Gaivota	6.363	1.871	77,3	22,7
Ermo	619	1.431	30,2	69,8
Jacinto Machado	5.133	5.476	48,4	51,6
Maracajá	4.256	2.148	66,5	33,5
Meleiro	3.649	3.351	52,1	47,9
Morro Grande	756	2.134	26,2	73,8
Passo de Torres	5.873	754	88,6	11,4
Praia Grande	4.297	2.970	59,1	40,9
Santa Rosa do Sul	3.746	4.308	46,5	53,5
São João do Sul	1.572	5.430	22,5	77,5
Sombrio	19.638	6.975	73,8	26,2
Timbé do Sul	1.845	3.463	34,8	65,2
Turvo	7.915	3.939	66,8	33,2
AMESC ou Microrregião	125.579	55.229	69,5	30,5
Santa Catarina	5.247.913	1.000.523	84,0	16,0

Fonte: Elaborado pelos autores com base no Censo Demográfico IBGE de 2010

Esse quadro resulta de trajetória que recua pelo menos a meados do século XVIII, como se depreende, por exemplo, do trabalho de Hobold (1994). Nesse período teve início processo de colonização vinculado à passagem de tropeiros (primeiramente até o embarque em Laguna, depois em trajetos interioranos rumo ao planalto) que conduziam gado do Rio Grande do Sul a São Paulo, uma atividade impulsionada pela demanda incrustada na mineração de ouro que fazia fervilhar o sudeste do Brasil.

Portugueses e açorianos ou seus descendentes, provenientes notadamente de Laguna – existente como núcleo urbano desde os anos setenta do século XVII – , destacaram-se na colonização. A agricultura e a pesca

compunham o binômio central da base econômica, a primeira marcada pela forte presença da cana de açúcar e da mandioca. Mas o ambiente geral era de estagnação econômica, escassa conexão entre os povoados e produção voltada primordialmente à subsistência.

No século XIX, europeus de outras origens adentraram o cenário sob o signo da política de imigração executada em nível nacional. Os italianos, cuja participação na colonização do extremo sul catarinense foi bastante forte, vieram de Criciúma, Urussanga e de outras localidades e se estabeleceram em espaços do interior que atualmente correspondem a municípios como Jacinto Machado, Meleiro, Morro Grande, Timbé do Sul e Turvo.

O fluxo relacionado à imigração germânica, embora muito menos expressivo na região, acabou marcando maior presença onde hoje se encontra o município de São João do Sul. Famílias oriundas da área em que está presentemente o município de Dom Pedro de Alcântara, no Rio Grande do Sul, formaram o essencial desse movimento, que a rigor resultou em alguns poucos e rarefeitos assentamentos no extremo sul catarinense.

Embora sem a intensidade observada em outras áreas (Médio Vale do Itajaí, Joinville, Criciúma), essa dinâmica não deixou de representar introdução de novas atividades na região, seja no comércio ou no âmbito da manufatura, envolvendo serralherias e marcenarias, por exemplo, para não falar na própria produção primária. Na esteira desse processo, e não obstante o reduzido número de estabelecimentos industriais em municípios como Araranguá e Sombrio mesmo em meados do século XX, tais movimentos certamente contribuíram para a diversificação e o fortalecimento da economia regional.

Em escala de "grande" sul, a extração do carvão e o cortejo de atividades e iniciativas vinculadas, incluindo a instalação de infraestruturas para transportar o minério, sobressaíram amplamente desde o início do século XX. Não parece exagero assinalar que tal setor, e as práticas das quais este é o centro de gravidade, dominou o cenário em diversos sentidos.

O extremo sul, contudo, não foi engolfado pela economia do carvão, com participação efetiva na dinâmica associada, como indica Goularti Filho (2005). Ao contrário, Araranguá, município com o principal núcleo urbano e o mais forte tecido econômico da região, passou a sofrer, muito mais, os efeitos da polarização (em termos de investimentos, sobretudo) exercitada por Criciúma em conexão com os processos ligados ao setor carbonífero.

Assim, excluído do tecido econômico organizado em torno do minério, Araranguá viu expandir-se o setor agrícola nas décadas de 1930 e 1940. A forte ocupação da população na agricultura e o beneficiamento de produtos oriundos da área rural (produção de fécula, farinha de mandioca, aguardente) são aspectos sugestivos dessa trajetória. O mesmo pode ser dito sobre uma estrutura populacional em que, segundo Rocha (2004), a esmagadora maioria dos habitantes distribuía-se na área rural em 1940.

Ao final daquela década, atividades agrícolas outorgavam a Turvo a condição de importante distrito, escorada nos cultivos de arroz, banana, milho e feijão. O fortalecimento do núcleo urbano propiciou a sua emancipação em 1948, no que foi seguido por Jacinto Machado, Praia Grande e Sombrio nos anos 1950, por Maracajá, Meleiro, São João do Sul e Timbé do Sul nos 1960, por Santa Rosa do Sul nos 1980 e por Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Morro Grande e Passo de Torres nos 1990.

Somente no final da década de 1950 ou início da de 1960 essa estrutura, amparada quase que tão somente pela agricultura, começou de fato a se alterar. O principal vetor foi o surgimento e o posterior crescimento da produção calçadista em Araranguá e Sombrio, embora a fabricação de móveis e de artigos de vestuário, e também as atividades de uma empresa envolvida com máquinas e implementos agrícolas, marcassem igualmente a paisagem (MACIEL, 2006). Tais manifestações podem ser consideradas reflexos locais de processos determinados em escalas mais amplas, como a estadual e mesmo a macrorregional (sul-brasileira), pelo menos, pontilhadas de impulsos industriais.

A produção calçadista no extremo sul catarinense parece ter sido um reflexo tardio da diversificação produtiva ligada ao afluxo migratório registrado entre o final do século XIX e o início do XX. Essa diversificação representou avanços na produção artesanal voltada ao comércio, da qual não estavam ausentes artigos em couro, um insumo básico para a fabricação de calçados.

No início esse produto, disponibilizado em escala reduzida, destinava-se tão somente a mercados mais próximos, atingindo no máximo, fora de Santa Catarina, o Rio Grande do Sul e o Paraná (BELTRÃO, 2001). Limitações na infraestrutura básica, envolvendo transportes e mesmo eletricidade, e restrições no plano creditício, com empréstimos sobretudo de curto prazo, representavam obstáculos à intensificação das respectivas atividades nos

primeiros anos. Mas a redução dessas dificuldades, desde meados dos anos 1960 e principalmente durante os 1970, refletindo movimentos nas escalas estadual e nacional, permitiu o fortalecimento da indústria calçadista em Araranguá e Sombrio.

Nesse contexto, empresas instaladas na região gaúcha do Vale dos Sinos, em torno de Novo Hamburgo – uma das mais importantes áreas calçadistas do Brasil –, protagonizaram reestruturação produtiva objetivando atingir os níveis de exigência dos mercados estrangeiros. A busca de capacidade industrial independente e apta a ser mobilizada (com transferências de atividades mediante terceirização, por exemplo) destacou-se nas estratégias de reestruturação. Isso implicava arregimentar empresas que, apresentando familiaridade com a produção de calçados, representassem parque industrial devidamente instalado e usufruíssem de mercados de trabalho com mão de obra disponível e de baixo custo, em condições de proximidade geográfica e acesso adequado.

Ora, tudo isso, praticamente, era oferecido pelo extremo sul de Santa Catarina. A região exibia um histórico calçadista e representava contiguidade ao Rio Grande do Sul em situação de atraente proximidade. As condições de acesso eram boas, por meio da rodovia BR-101, e a força de trabalho disponível possibilitava, segundo Graciolli e Vargas (2005), diminuição de até 50% no custo salarial.

Assim, nas décadas de 1970 e 1980, a indústria de calçados do extremo sul catarinense, produzindo em grande medida para mercados estrangeiros, expandiu-se em situação de ampla subordinação ao ritmo ditado desde o Vale dos Sinos. Essa dependência manifestava-se nos contratos de vendas ao exterior (as sedes das empresas ligadas aos serviços de exportação ficavam na região gaúcha), nas compras de matérias primas e insumos (de couro a colas, passando por solados e linhas, por exemplo) e nas iniciativas envolvendo atualização de maquinário – compra ou manutenção – e engajamento de mão de obra especializada para tarefas específicas.

É importante assinalar que os contratos de exportação encaminhados ao extremo sul de Santa Catarina costumavam referir-se a produtos menos sofisticados e de menor preço. Os contratos para calçados de melhor qualidade eram orientados para o próprio Vale dos Sinos e para municípios paulistas como Franca. De alguma forma, isso canalizou a fabricação calçadista re-

gional para produtos de baixa qualidade relativa, criando obstáculos para o acesso, numa eventual reorientação das vendas, a mercados mais exigentes em qualidade e sofisticação.

Foi nessas condições que a indústria calçadista cresceu e galgou posições no *rank* dos principais empregadores da região. Em meados da década de 1980, com produção destinada majoritariamente a mercados localizados no exterior, essa atividade perdia somente para os setores carbonífero e cerâmico como empregadora no "grande" sul catarinense.

Todavia, os fatores que sustentaram aquela expansão contribuíram para que dificuldades aparecessem e se acumulassem quando da mudança de conjuntura na segunda metade da década de 1980. No bojo das medidas de combate à inflação executadas pelo governo federal (Plano Cruzado e outras), as opções de política resultaram em valorização da moeda nacional. Os reflexos nas exportações fizeram as empresas dos principais aglomerados calçadistas (Vale dos Sinos, Franca) voltarem a atenção para mercados no próprio país.

Ao mesmo tempo, para enfrentar a concorrência de produtos estrangeiros mais baratos, um desafio – em mercados tanto externos, pois os contratos de exportações desde clientes no exterior foram reorientados para produtores asiáticos, quanto internos, envolvendo a penetração avassaladora no Brasil de calçados originários de países como China e Taiwan – que se manteria e agravaria na década de 1990 em conexão com o Plano Real, essas empresas lançaram-se na busca de espaços de atuação que representassem grande redução de custos. Localidades no nordeste brasileiro passaram a figurar nas estratégias dos fabricantes do sul e do sudeste do país, provocando transferências de investimentos (COSTA; FLIGENSPAN, 1998).

Tudo isso afetou a indústria calçadista do extremo sul catarinense. O percurso de produção com menores qualidade e sofisticação, para consumidores de menor poder aquisitivo, envolvendo mão de obra de baixa qualificação, sem representar estímulo à inovação – traços indissociáveis da forte articulação com empresas do Vale dos Sinos –, dificultou ou impediu respostas na forma de *upgrade* com vistas a atingir mercados mais exigentes, o que representaria fuga da concorrência asiática. Além disso, aos obstáculos para condutas de tipo mais ofensivo somaram-se os efeitos da concorrência dos novos espaços de fabricação, principalmente no nordeste brasileiro, que canalizaram as atenções das empresas do centro-sul.

Como resultado instalou-se tendência de forte crise nessa indústria na região, mesmo que algumas empresas do "grande" sul catarinense tenham procurado se adaptar às novas condições. Dados apresentados por Goularti Filho (2007) são sugestivos; entre 1985 e 2000, o número de trabalhadores da indústria de calçados em Criciúma, Nova Veneza, Araranguá e Sombrio teria diminuído em mais ou menos 88%.

3. O SURTO NA CONFECÇÃO DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO

Enquanto a produção calçadista declinava, outra indústria ganhava envergadura e visibilidade na região: a de produção de artigos do vestuário envolvendo a confecção de roupas. Sua emergência no "grande" sul de Santa Catarina, testemunhada desde a década de 1960, representou uma progressiva passagem da comercialização local de produtos oriundos de outras regiões para a fabricação *in situ*, notadamente na área de Criciúma. Segundo Goularti Filho e Jenoveva Neto (1997), atacadistas inicialmente concentrados em vendas de artigos para mineradoras passaram a fabricar com etiquetas próprias, substituindo mercadorias até então procedentes de locais como São Paulo. O mercado dessas investidas era, nesse período, essencialmente regional.

Empresas operando costumeiramente sob o signo da informalidade, muitas na condição de "fundo de quintal", proliferaram na região carbonífera. Pelo ângulo de numerosos empreendedores, sobretudo em meio à dramática contração das atividades de mineração entre meados dos anos 1980 e os 1990, o sentido básico era a complementação da renda familiar em lares atingidos pelas demissões. Não é ocioso assinalar que se tratou de considerável impulso à feminização do trabalho industrial, em atmosfera produtiva tradicionalmente caracterizada pelo emprego masculino, haja vista o peso histórico da mineração.

O extremo sul catarinense, principalmente os municípios de Araranguá e Maracajá, foi envolvido pela vitalidade dessa indústria já na segunda metade dos anos 1970. Em Sombrio, contudo, a expansão correu mais tarde, a partir do início da década de 1990, em plena crise da indústria de calçados. Cumpriu papel destacado nesse engajamento a construção do Super Center Japonês, em 1993, inicialmente destinado à venda de artigos do vestuário

produzidos em áreas como Blumenau, Brusque, Jaraguá do Sul e mesmo São Paulo. Construído de frente para a BR-101, esse equipamento tornou-se referência para o fluxo de comerciantes varejistas em trânsito pela região, incluindo as chamadas "sacoleiras" ou "turistas de compras".

Essa iniciativa comercial não ocorreu de maneira isolada, seja no extremo sul, seja – ainda com mais razão – no "grande" sul como um todo. Várias ações desse tipo tiveram lugar, antes, no mesmo ano e após aquela instalação em Sombrio, em municípios como Araranguá, Maracajá, Criciúma, Içara, Tubarão e Imbituba.

No extremo sul, o vetor do surgimento e fortalecimento do tecido econômico formado por confecções e centros comerciais foi a reorientação setorial de capitais que se valorizavam na produção de calçados. Contribuiu para essa transição a facilidade para adaptar a mão de obra calçadista às atividades de confecção de roupas. Não se pode dizer que essa indústria não "movimenta" a mão de obra local: por exemplo, no intervalo de meio decênio entre 2007 a 2012, os dois maiores municípios da região registraram elevados números de desligamentos e admissões, sobressaindo Sombrio na comparação com Araranguá (Tabela 2).

O processo de criação de centros comerciais manteve-se ativo no extremo sul catarinense. Em 2003 foram inaugurados dois novos, um em Sombrio, o Shopping Litoral Sul, e outro em Araranguá, o Aravest Shopping Atacadista, voltados às vendas por atacado. Segundo informações obtidas mediante entrevistas, essas iniciativas foram encorajadas, inclusive quanto ao perfil atacadista, pelas dificuldades de concorrência com produtos mais simples provenientes do exterior, impondo aos fabricantes locais não só a utilização de mão de obra mais barata, mas também menores custos com distribuição e representação, além de maior facilidade no escoamento das mercadorias, evitando grandes quantidades de estoques.

Tabela 2 – Admissões, desligamentos e número de estabelecimentos da indústria de vestuário em Araranguá e Sombrio – 2007 e 2012

Município	Admissões	Desligamentos	Variação	Estabelecimentos
Araranguá	3.254	3.301	- 47	225
Sombrio	7.127	6.583	+544	235

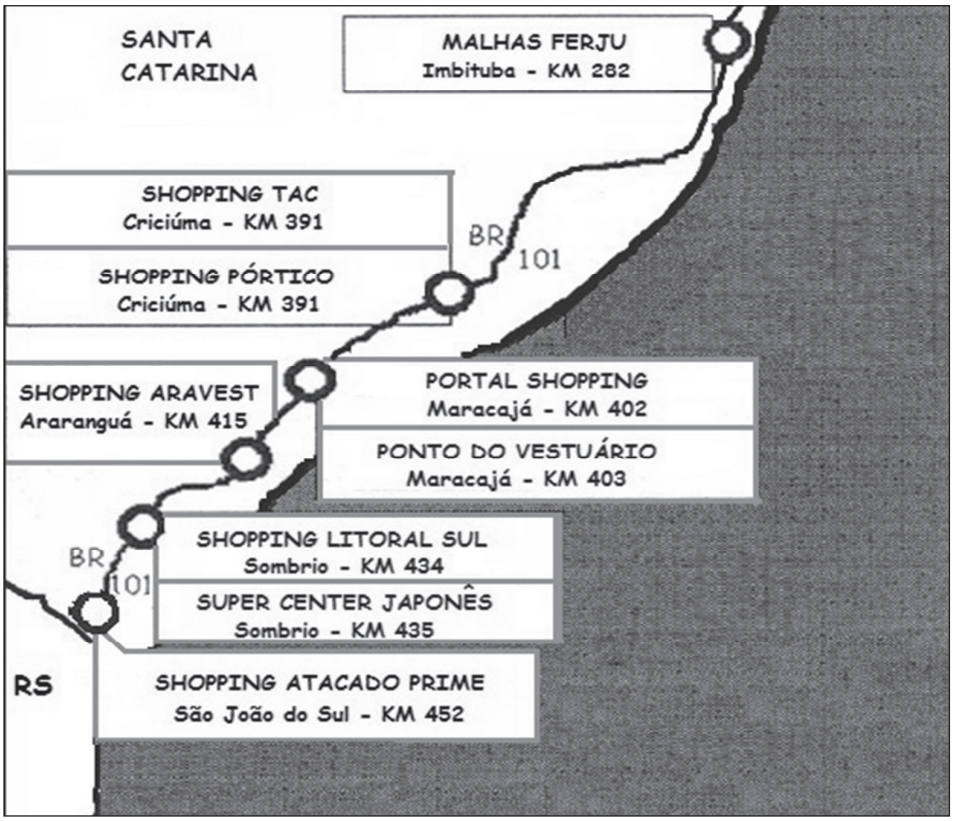
Fonte: Elaborado pelos autores com dados de MTE/CAGED

Evidenciando uma espécie de frenesi criador de estruturas de comercialização às margens da BR-101, funciona desde o segundo semestre de 2010 no município de Maracajá o Portal Shopping, inaugurado com 34 lojas, quase ¾ delas pertencentes a fabricantes do sul de Santa Catarina, as restantes de empresas de outras regiões catarinenses e do Rio Grande do Sul (NESTE..., 2010). O mesmo sentido pode ser atribuído ao Shopping de Atacado Prime, inaugurado em Sombrio no segundo semestre de 2012 e atualmente funcionando com mais de 40 lojas (SHOPPING..., 2013). Trata-se de uma extensão do Super Center Japonês, instalado no início dos anos 1990, que manteve na localidade só o comércio varejista e transferiu as vendas por atacado para o município de São João do Sul, cuja localização é estratégica para as excursões de lojistas gaúchos.

A multiplicação de centros de vendas de confecções em atacado fez surgir um verdadeiro "corredor" às margens da BR-101 (cf. ilustrado pela figura 2), com uma efetiva rede de *outlets* oferecendo produtos de origem local, que se apresenta como um reflexo da influência recíproca entre o "turismo de compras" e a produção e comercialização de artigos do vestuário. Com efeito, a área registra a passagem anual de milhares de lojistas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e mesmo do Paraná, que anteriormente costumavam privilegiar nessas compras o eixo Brusque – São Paulo. As melhorias nas condições de deslocamento, "encurtando" a distância, e a qualidade dos artigos produzidos na região, que oferece um mix variado, com diversidade de marcas e criações, atrai a atenção e, ao que parece, magnetiza a clientela.

O extremo sul catarinense e suas franjas passaram a influenciar, aparentemente, até iniciativas originadas fora da região. Criciúma registrou a inauguração do Shopping TAC (Tubarão Atacado de Confecções), representando "migração" (do município de Tubarão) justificada pelo presidente com alusão ao objetivo de aproximar o seu centro de vendas a estruturas semelhantes instaladas no "grande" sul, o que significa também maior proximidade aos clientes gaúchos, responsáveis por grande parcela das vendas (ATACADO..., 2009). Assim, a decisão significaria, na opinião manifestada, uma melhor inserção em rota importante para os agentes de moda, promotores do afluxo regular de lojistas para aquisições nesses centros atacadistas.

Figura 2 – Shoppings de atacado e varejo ao longo da BR-101 na Mesorregião Sul de Santa Catarina



Fonte: Adaptado pelos autores a partir de Beltrão (2001), com atualização das informações

De fato, segundo alguns empresários do ramo entrevistados no extremo sul catarinense, os lojistas buscam principalmente moda na região, nas suas diversas ramificações (moda fashion, moda balada, moda casual). O alvo do maior interesse é o gênero feminino, segmento em que se costuma enfrentar, na fabricação local, níveis elevados de exigência sobre a qualidade. O perfil da mão de obra favorece o atendimento às imposições, a julgar pelas entrevistas. Essa mão de obra foi, no essencial, adaptada da produção de calçados para a de confecção de roupas. Segundo um depoimento, nos ateliês de calçados várias tarefas, como a costura, eram realizadas manualmente, como a costura, requerendo grande domínio técnico. Hoje, com o nível tec-

nológico das máquinas de costura, esse tipo de atividade teria ficado muito mais fácil, potencializando a habilidade e a destreza dos trabalhadores, com resultados na forma de artigos de alta qualidade.

De todo modo, as empresas do extremo sul não perdem de vista as tendências de mercados importantes, como os de São Paulo e mesmo de outros países. Isso implica permanente consulta a instrumentos como *sites* e *blogs* na internet, entre outros canais de informação. Iniciativas de empresários locais fora do "grande" sul catarinense, além de representar investidas em mercados mais dinâmicos e seletivos e ajudar a difundir as marcas locais, atuam como instrumentos para um constante alinhamento com as tendências mais gerais do setor. Uma ilustração concerne à anunciada abertura, em 2012, de uma segunda unidade do Shopping Litoral Sul, pertencente a grupo de empresários de Sombrio, no município paulista de Cedral, perto da divisa com São José do Rio Preto (GRUPO..., 2011).

Sobre as estratégias produtivas, vale assinalar que nas empresas da região as mercadorias são normalmente produzidas em lotes pequenos, com poucas peças dos mesmos modelos, um tipo de conduta (implicando quantidades menores de mercadorias e grande variedade) que figura entre os fatores de competitividade desse setor em termos internacionais. O mesmo cabe dizer do princípio segundo o qual atentar para a rapidez na evolução da moda é um fator determinante no desenvolvimento das empresas. Nas entrevistas com os empresários ouviu-se que constitui norma evitar que clientes compareçam nas respectivas lojas sem que, mesmo numa frequência não superior a duas visitas, alguma novidade possa ser encontrada.

Assim, se as coleções dos fabricantes locais alinham-se ao ritmo dos mercados internacionais (outono/inverno, primavera/verão), a regra de ferro da concorrência – imposição de velocidade nas ações – provocou a adoção de outra forma de diferenciar a produção: o lançamento quinzenal de novas peças e a retirada das que não proporcionam vendas suficientes nesse intervalo, num processo de substituição contínua. Entretanto, os desafios são permanentes. A velocidade na circulação das informações favorece a atualização das empresas, mas também eleva o nível de exigência dos consumidores, que costumam chegar às lojas tendo em mente produtos específicos vislumbrados nas suas próprias consultas aos instrumentos de divulgação da moda.

Processos mais amplos, em relação aos quais os integrantes do tecido produtivo local pouco puderam fazer a não ser adaptar-se, afetaram a indústria vestuarista do extremo sul. Segundo um dos empresários entrevistados, cujo negócio tinha sido iniciado com a produção de peças mais simples, é muito grande a dificuldade para competir com mercadorias principalmente asiáticas. A transição para a produção de peças diferenciadas em termos de moda, imposta pelas circunstâncias, já começara a ser efetuada pela empresa quando se realizou a entrevista, que permitiu saber que o preço de uma camiseta simples proveniente da China era semelhante ao custo da mão de obra necessária à produção de um item semelhante na região.

A contrapartida da pressão concorrencial é que as empresas locais já tinham passado a importar insumos e matéria prima da China, como forma de reduzir custos. Por exemplo, pagava-se em média R$ 0,26 por um lacre no Brasil, item que no período da pesquisa de campo (meados de 2013) podia ser importado da China por R$ 0,08. Boa parte do tecido passou a ser importado, em meio a vínculos diretos com fabricantes no exterior que permitiam evitar o custo dos serviços prestados por agentes importadores.

No que concerne à organização da produção, é importante assinalar que, objetivando comprimir custos, as empresas da região protagonizam intensa terceirização. Um dos empresários informou que sua produção era totalmente terceirizada, distribuída entre facções localizadas em Araranguá, Jacinto Machado, Ermo, Turvo, Sombrio, Balneário Gaivota e Balneário Arroio do Silva.

A maior flexibilidade outorgada por esse tipo de estrutura foi apontada como um atrativo maior: nas palavras do empresário entrevistado, "se precisar diminuir a produção, não vai haver maiores problemas com demissão de funcionários". Em contraposição, segundo a mesma entrevista, "acaba se perdendo um pouco do controle de qualidade do produto", com resultados nas vendas que, ao final, podem significar "encarecimento" da produção. Outro motivo da opção de transferir a produção para facções refere-se, conforme a entrevista, à "dificuldade de se conseguir montar uma fábrica com costureiras próprias, pois se contrata uma costureira e a treina para ter um bom nível de experiência, porém com o tempo ela sai, e cria a sua própria facção, onde pode trabalhar em casa e obter maiores rendimentos."

Segundo as empresas visitadas, um importante problema para o crescimento dessa indústria na região, não obstante a aludida influência da herança calçadista sobre o perfil dos trabalhadores, é a limitação da oferta de mão de obra qualificada. Os cursos técnicos oferecidos pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), em Araranguá, têm contribuído para melhorar essa qualidade, mas, de acordo com os depoimentos, falta mão de obra com mais experiência e conhecimento prático. Desse modo, a proposta de instalação, em 2014, de uma unidade do SENAI em Sombrio, com oferta de cursos técnicos, acena positivamente para essa indústria (EMPRESÁRIOS..., 2013). Até agora, as instalações do SENAI mais próximas localizam-se em Criciúma.

Contudo, esse alegado problema de escassa qualificação da mão de obra, na indústria de vestuário local, mereceria um exame mais detalhado. O desempenho do IFSC não deixa de suscitar indagações sobre o que de fato pode estar ocorrendo no mercado de trabalho local. Por exemplo, se os trabalhadores considerarem muito baixo o nível salarial praticado pelas empresas, é possível – e mesmo provável – que os pessoas de melhor formação se transfiram para outras regiões, como o Vale do Itajaí, de secular trajetória nas atividades em questão. Investigar essa questão foge, entretanto, ao escopo deste artigo.

4. MOVIMENTOS NO SETOR PROMÁRIO E NA INDUSTRIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS

Como assinalado, o extremo sul catarinense sempre teve na produção agrícola, primeiro para subsistência e posteriormente para venda, um importante esteio da economia. Na atualidade, arroz e fumo, mas também banana em menor grau, destacam-se na comercialização. Os dois primeiros responderam sozinhos por 64% das vendas dos principais produtos agrícolas em 2012, denotando uma elevadíssima (e preocupante) concentração. Na pecuária, a bovinocultura de leite e principalmente a criação de frangos de corte, sem desconsiderar a de galinhas para produção de ovos, exibem considerável importância. A tabela 3 apresenta dados sobre o setor agrícola regional para o ano de 2012.

Tabela 3 – Vendas dos principais produtos agrícolas do extremo sul catarinense em 2012

Produtos	Vendas em reais	%
Arroz	192.064.933,31	40,2
Banana	5.484.873,23	1,1
Bovinos	2.751.244,78	0,6
Feijão	330.215,18	0,1
Frangos	148.344.644,35	31,1
Frutíferos – Diversos	4.401.217,38	0,9
Fumo	114.849.146,32	24,1
Leite *in natura*	1.236.054,65	0,3
Madeira	971.082,59	0,2
Mel de abelha	269.653,50	0,1
Milho	1.464.886,84	0,3
Morango	844.938,99	0,2
Palmito	53.813,78	0,01
Peixes	878.899,74	0,2
Queijos	30.655,16	0,01
Suínos	3.206.949,56	0,7
Tomate	181.960,02	0,04
Total	477.365.169,38	100,00

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da AMESC (2012)

Essa produção ocorre em propriedades na sua grande maioria de pequeno porte e familiares. Mais da metade (54,5%) têm até 10 hectares, uma incidência bem superior à observada em Santa Catarina como um todo (36,6%) e no Brasil (50,3%). A presença das que têm superfície de até 50 hectares representa 94,1% do total, contra 90,3% em Santa Catarina e 82,5% no Brasil.

A produção de arroz, destaque na região, cresceu nas últimas duas décadas, a ponto de atingir em 2010 a representatividade de 32,0% do total estadual. Turvo, Meleiro e Jacinto Machado, representando, respectivamente, 7,1%, 5,6% e 4,2% do total catarinense naquele ano, sobressaem na região. Esse realce da rizicultura regional parece indissociável do Programa

Nacional de Aproveitamento de Várzeas Irrigáveis (PROVARZEA), do Governo Federal, que promoveu pesquisas com sementes visando adaptação às condições climáticas do estado e executou projetos sobre áreas para implantação do sistema de cultivo pré-germinado, substituindo o método convencional. Também a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI) desempenhou importante papel, auxiliando no aprimoramento das lavouras no sul catarinense, e a modernização tecnológica foi determinante no desenvolvimento de empresas de beneficiamento de arroz na região (RAMOS, 2010).

Porém, informações obtidas na EPAGRI de Turvo indicam que a maior mecanização da produção instalou tendência de redução da área plantada por pequenos agricultores. As exigências de maiores investimentos em máquinas e equipamentos provocaram a transferência desses produtores para outros cultivos, como fumo e maracujá, e também para a bovinocultura de leite. Assim, teria crescido a concentração do cultivo de arroz entre agricultores que, menos numerosos, possuem propriedades maiores e equipamentos agrícolas de melhor desempenho.

Um problema enfrentado nos últimos anos por esse segmento, percebido durante a pesquisa de campo, é o efeito da elevação da renda média da população brasileira desde o início dos anos 2000. As famílias passaram a consumir outros produtos em detrimento do arroz. Na EPAGRI de Turvo informou-se que o nordeste do país, onde se consome boa parte da produção local, fornece boa indicação sobre isso. A entrada no Brasil de arroz estrangeiro, principalmente asiático (Indonésia, Japão, Tailândia), também é problema para a produção local, devido ao menor preço dos concorrentes, um fator de dificuldades para comercializar em mercados como São Paulo e Rio de Janeiro.

Provavelmente por conta, ao menos em parte, dessa conjuntura, a EPAGRI procura introduzir em Santa Catarina – o que haverá de se refletir no extremo sul – dois novos tipos de arroz especial. Embora a sua produtividade por hectare seja inferior à do arroz comum, esses cultivos seriam atraentes pelo fato de que a demanda europeia mostra-se, ao que parece, garantida. Trata-se de variedades "[...] especiais devido ao seu aspecto, adequado a pratos mais elaborados. Sua composição química [...] é diferenciada, destacada por conteúdos mais elevados de compostos fenólicos, importantes na alimentação, pois são antioxidantes." (EPAGRI... 2013, S/p).

Cabe destacar ainda que a rizicultura tornou praticamente refém desse cultivo parte importante das terras agricultáveis da região. Tantos anos de presença dessa lavoura provocaram a inadequação dos respectivos solos para outros produtos. Isso, naturalmente, aprisiona os agricultores, representando um inquietante obstáculo a quaisquer tentativas de diversificação produtiva.

A produção de fumo do extremo sul catarinense tem maior destaque no município de Araranguá, mas também Santa Rosa do Sul, Sombrio, Timbé do Sul e Turvo registram importante presença. Trata-se de produção intensiva em mão de obra, normalmente familiar, e realizada em poucos hectares. Em que pese o destaque, ocorreu decréscimo da produção entre 1990 e 2010, o que foi acompanhado de perda de participação regional no total catarinense: entre 1990 e 2000, a participação caiu de 16,1% para 12,3%, e em 2010 não ultrapassou 9,7%. Isso decorre da contração exibida pela maioria dos municípios nesse período (Jacinto Machado, Meleiro, São João do Sul, Sombrio, Turvo), tendo somente Araranguá registrado efetivo crescimento entre os principais produtores.

Por trás dessa redução figuram os resultados dos movimentos antitabagismo liderados por ONGs, o aumento nas alíquotas de impostos sobre a produção e os avanços na conscientização sobre os malefícios causados pelo consumo de tabaco. O quadro representa problema para a mão de obra envolvida. As dificuldades são potencializadas, segundo informações obtidas no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jacinto Machado, pela falta de incentivos governamentais à transferência dos pequenos agricultores para outros cultivos. Os produtores ficam, assim, contidos entre as adversidades que assolam a fumicultura e o medo de migrar para outros segmentos pelas incertezas sobre a comercialização. A tendência, ao que parece, tem sido a preferência pela continuidade, pois esse cultivo representa, apesar de tudo, maior familiaridade e segurança.

Essas dificuldades são amargadas não obstante a presença na região de empresas multinacionais como a Alliance One Brasil Exportadora de Tabacos, a Continental Tobaccos Alliance (CTA) e a Philip Morris Brasil, em Araranguá, e a Souza Cruz, em Sombrio, algumas das quais dedicadas ao beneficiamento e à estocagem e outras apenas à estocagem. De toda maneira, cabe qualificar o sentido dessa presença para os trabalhadores: um dos problemas do emprego nas empresas de fumo é que a oferta de

postos de trabalho é muito irregular, aumentando consideravelmente nos momentos de colheita e caindo com a mesma intensidade após o término das atividades vinculadas.

A produção de banana, de sua parte, tem maior relevância em Jacinto Machado e Santa Rosa do Sul. Segundo informações levantadas no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jacinto Machado, a produção foi iniciada nesse município no período entre o final dos anos 1960 e o início dos 1970, quando então se tornou principal cultivo. Na década de 1990 começou o cultivo de banana prata e de banana caturra, em substituição ao de banana branca, cuja colheita é mais demorada.

Apesar do crescimento na quantidade produzida entre 2001 e 2010, a região perdeu participação estadual nesse segmento agrícola, com o fortalecimento do Vale do Itajaí e do nordeste catarinense. Perdeu igualmente em relação ao país, escala em que cresceu o destaque do sul do estado de São Paulo, próximo à divisa com o Paraná. Conforme entrevista realizada no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jacinto Machado, a perda de posição deveu-se, entre outros motivos, à menor evolução tecnológica na comparação com outras regiões. Também o clima local seria pouco favorável, pois os invernos mais rigorosos e ventosos prejudicam a colheita. O desempenho é igualmente afetado pela pequena superfície da maioria das propriedades, impositiva de menores volumes de produção. Tudo isso concorreria para inibir os investimentos nesse cultivo.

Atualmente, duas fábricas de bala de banana que operam em Jacinto Machado absorvem cerca de 70% da produção dos pequenos agricultores do município, auxiliando, assim, as vendas locais. Essas empresas demandam produção de qualidade comparativamente inferior, comprando frutos de menor tamanho e com aparência que dificulta as vendas para consumidores mais exigentes. Esse tende a ser o perfil dos que frequentam supermercados, por exemplo, estruturas de comercialização onde o controle de qualidade, por conta disso, costuma ser bastante seletivo.

Assinale-se ainda que vale para o cultivo da banana o mesmo tipo de comentário realizado sobre a rizicultura, quanto à relação entre tipo de produto e condições do solo. Assim como o arroz, a banana impõe exclusividade no uso da terra, dificultando a diversificação produtiva e suprimindo alternativas aos agricultores.

Na pecuária, observa-se a criação de bovinos e suínos e a produção de leite. A presença dessas atividades, todavia, é inferior à da criação de aves, em que é grande o destaque do segmento de frangos.

A bovinocultura e a produção leiteira têm importância nas pequenas propriedades familiares, que apresentam pluriatividade com reduzida escala em cada produto. Tal incidência da bovinocultura do leite reflete os menores custos da atividade comparativamente aos aviários e chiqueiros exigidos pela avicultura e a suinocultura. Perante problemas como queda no preço, o agricultor pode simplesmente soltar o gado no campo, deixando de fornecer pastagens especiais e reduzindo, assim, seus custos.

De todo modo, a bovinocultura de leite incorreu em redução da produção entre 2000 e 2010 no extremo sul como um todo. A única exceção foi Araranguá, onde os maiores produtores ampliaram os volumes produzidos. A região perdeu participação no estado, de 1,1% em 2000 para 0,2% em 2010, um resultado também vinculado ao avanço da produção no oeste catarinense, que atingiu quase ¾ do total catarinense em 2010.

Em sentido contrário apresentou-se a produção regional de ovos de galinha, cuja participação no total catarinense quase triplicou nas duas décadas até 2010. Araranguá, Timbé do Sul, Turvo e Morro Grande, nessa ordem, são os municípios que mais sobressaem. Os dois primeiros ficaram em 12º e 16º lugar, respectivamente, em *ranking* estadual relativo a 2010 (SEBRAE, 2013).

A criação de bovinos pouco variou entre 1990 e 2010, o que pode estar atrelado à inexistência de grandes produtores na região. A de suínos sofreu marcado decréscimo, provocado em parte pela elevação das exigências de controle de qualidade por parte das empresas processadoras de carne. Atendê-las implicaria nível de gastos que os pequenos produtores têm dificuldades para realizar. Por conta disso, de acordo com as entrevistas realizadas, muitos interromperam a produção.

Desse modo, é na avicultura (criação de galos, frangas, frangos, pintos e galinhas para produção de ovos) que o segmento da pecuária exibe real vitalidade no extremo sul catarinense. Em duas décadas, o número de galos, frangas, frangos e pintos cresceu de quase 868,8 mil para 9,4 milhões, um multiplicação em quase onze vezes, e a quantidade de galinhas em 2010 foi o triplo da registrada em 1990 (Tabela 4). Esse movimento parece vinculado

à instalação da empresa Tramonto em Morro Grande, em 2007. Atuando em processamento de carnes, essa unidade é capaz de industrializar até 120 mil aves por dia, empregando nas suas atividades considerável parcela da população municipal.

Em janeiro de 2013, a Tramonto foi alugada por cinco anos pela JBS, uma das maiores empresas de carnes do mundo (JBS..., 2013a). Prorrogável por igual período, o aluguel visa incorporar a primeira às atividades da segunda no "grande" sul. Essas atividades envolvem outras fábricas, como a Agrovêneto de Nova Veneza, adquirida em novembro de 2012, e também a unidade da Seara em Forquilhinha, incorporada em julho de 2013 na esteira da compra da Seara Brasil (pertencente ao grupo Marfrig) pela JBS (JBS..., 2013b).

Porém, segundo entrevista com o secretário da AMESC durante a pesquisa de campo, a atuação da JBS no extremo sul ainda é uma incógnita. Entre os motivos está o fato de ser essa empresa especializada no processamento de carne bovina. Seja como for, as atividades de processamento no extremo sul, com incorporação da Tramonto, devem ocorrer sob a bandeira JBS Aves. Um grande problema é que a JBS tem protagonizado a compra abatedouros em grande quantidade, fechando-os em seguida. Esse comportamento é fonte de preocupação no extremo sul, a ponto de suscitar a realização de audiências públicas sobre o assunto.

Tabela 4 – Avicultura no extremo sul de Santa Catarina – 1990-2000-2010

Municípios, AMESC e Santa Catarina	Galos, frangas, frangos e pintos (mil cabeças)			Galinhas (mil cabeças)		
	1990	2000	2010	1990	2000	2010
Araranguá	492,6	320,0	2.373,0	165,3	420,0	323,0
Balneário Arroio do Silva	-	-	14,5	-	-	0,3
Balneário Gaivota	-	18,5	340,0	-	9,0	41,5
Ermo	-	75,3	260,0	-	5,2	53,0
Jacinto Machado	43,6	68,0	540,0	35,5	24,0	2,3
Maracajá	7,8	270,0	303,0	5,3	6,0	10,9
Meleiro	69,5	290,0	850,0	47,2	35,0	160,0

Municípios, AMESC e Santa Catarina	Galos, frangas, frangos e pintos (mil cabeças)			Galinhas (mil cabeças)		
	1990	2000	2010	1990	2000	2010
Morro Grande	-	420,0	1.000,0	-	30,0	130,0
Passo de Torres	-	18,0	100,0	-	0.4	4,1
Praia Grande	25,6	36,0	75,0	18,8	15,5	6,5
Santa Rosa do Sul	16,2	32,0	68,0	11,4	15,0	37,0
São João do Sul	26,9	46,0	75,0	29,2	21,8	22,0
Sombrio	19,6	80,0	400,0	13,7	15,6	96,0
Timbé do Sul	70,5	640,0	1.450,0	18,0	18,0	260,0
Turvo	96,5	1.000,0	1.600,0	77,0	30,0	120,0
AMESC	868,8	3.313,8	9.448,5	421,4	645,5	1.266,6
Santa Catarina	56.020,9	111.561,9	157.359,4	10.615,4	12.178,6	16.408,2

Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal

Dois aspectos a mais merecem referência. Um diz respeito à dificuldade, para a criação de frangos no extremo sul, associada ao fato do principal insumo dessa atividade, o milho, ser proveniente do Centro-Oeste do Brasil, região que se transformou na maior produtora desse grão no país. O reflexo nos custos de produção, tendo em vista o impacto da distância no custo do transporte, tem levado as empresas processadoras de carnes situadas no "grande" sul catarinense a apostar na produção de milho mais próxima das suas localidades.

Outro aspecto, que sinaliza importantes mudanças na avicultura, é a transformação tecnológica relacionada ao sistema *Dark House*. Sua implantação envolve a construção de aviários totalmente fechados, com ventilação por meio de túnel e luz artificial, objetivando controlar todas as variáveis ambientais dentro do galpão, incluindo a iluminação. O tempo de engorda das aves é bastante reduzido, resultando em consideravelmente aumento da produtividade (WORKSHOP..., 2013).

5. DINÂMICA DEMOGRÁFICA E MOSAICO ECONÔMICO INTERMUNICIPAL

Como em outras regiões de Santa Catarina, observa-se no extremo sul processo de "litoralização" envolvendo deslocamento populacional de

áreas no interior para o litoral. Entre 2000 e 2010, foi grande o crescimento da população de municípios litorâneos, como Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota e Passo de Torres, que apresentaram aumentos superiores a 50%: nos últimos dois Censos Demográficos, os três figuraram entre os dez que mais cresceram no estado em termos populacionais. Nenhum outro município da região, ou suas sedes, sequer se aproximou desse dinamismo. A rigor, em bom número (a metade) a trajetória foi negativa ou só de ligeira expansão (Tabela 5).

Tabela 5 – População nos municípios do extremo sul catarinense e em Santa Catarina – 2000-2010

Municípios, AMESC e Santa Catarina	2000	2010	Variação % 2010/2000
Araranguá	54.706	61.310	12,1
Balneário Arroio do Silva	6.043	9.586	58,6
Balneário Gaivota	5.450	8.234	51,1
Ermo	2.057	2.050	-0,3
Jacinto Machado	10.923	10.609	-2,9
Maracajá	5.541	6.404	15,6
Meleiro	7.080	7.000	-1,1
Morro Grande	2.917	2.890	-0,9
Passo de Torres	4.400	6.627	50,6
Praia Grande	7.286	7.267	-0,3
Santa Rosa do Sul	7.810	8.054	3,1
São João do Sul	6.784	7.002	3,2
Sombrio	22.962	26.613	15,9
Timbé do Sul	5.323	5.308	-0,3
Turvo	10.887	11.854	8,9
AMESC	160.169	180.808	12,9
Santa Catarina	5.356.360	6.248.436	16,6

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos Censos Demográficos do IBGE

Registraram redução populacional os municípios mais interioranos, como Ermo, Jacinto Machado, Meleiro, Morro Grande, Praia Grande e

Timbé do Sul. A baixa oferta de postos de trabalho (sendo exceção Morro Grande, onde a presença de beneficiamento de carne de aves pela empresa Tramonto fez com que 88% dos empregos formais se referissem ao setor industrial em 2010) é um motivo principal. Fração importante da população tende a migrar para as cidades mais promissoras do "grande" sul, como Criciúma. Destinos no Rio Grande do Sul igualmente figuram na geografia dessas migrações, devido à proximidade.

Talvez o movimento migratório rural-urbano tenha se estabilizado na região recentemente. Entretanto, se for mantido o ritmo de crescimento presenciado no período 2000-2010, é possível que o município de Balneário Arroio Silva, atualmente o quinto maior, alcance a terceira colocação no extremo sul e que Balneário Gaivota, hoje o sexto maior, figure em quinto lugar. Isso significaria, no segundo caso, ultrapassar a população de Jacinto Machado, que decresce desde o Censo de 1970, a ponto de ficar abaixo da população de Turvo em 2010, até então menor do que a primeira. O forte adensamento do litoral é, assim, uma realidade gritante no extremo sul de Santa Catarina.

Entre os fatores subjacentes ao movimento geral, segundo ressaltado na pesquisa junto à Prefeitura de Balneário Gaivota, está o aumento do número de aposentados que buscam o litoral para residir com mais tranquilidade e qualidade de vida. Esses contingentes provêm de outros municípios da região e também de cidades do Rio Grande do Sul. É sintomático que nas populações de Balneário Arroio do Silva e Balneário Gaivota a proporção de idosos supere a observada nos outros municípios da região, e também a média de Santa Catarina (Tabela 6).

Tabela 6 – Distribuição percentual da população por faixa etária – 2000 e 2010

Municípios, AMESC e Santa Catarina	2000			2010		
	Jovens	Adultos	Idosos	Jovens	Adultos	Idosos
Araranguá	38,9	53,1	8,0	31,5	58,1	10,3
Balneário Arroio do Silva	36,7	52,2	11,1	29,7	54,5	15,8
Balneário Gaivota	39,5	49,0	11,5	30,7	53,4	15,9
Ermo	38,6	51,8	9,6	31,8	55,4	12,8
Jacinto Machado	38,3	51,7	10,1	30,2	56,5	13,3

Municípios, AMESC e Santa Catarina	2000			2010		
	Jovens	Adultos	Idosos	Jovens	Adultos	Idosos
Maracajá	39,6	52,5	7,9	31,4	58,4	10,1
Meleiro	38,1	51,8	10,2	29,6	57,3	13,2
Morro Grande	38,8	53,3	7,9	30,7	58,1	11,2
Passo de Torres	40,6	51,3	8,1	33,4	55,7	10,9
Praia Grande	38,6	51,8	9,6	31,1	55,4	13,5
Santa Rosa do Sul	38,5	52,2	9,3	32,2	55,9	11,9
São João do Sul	38,6	51,8	9,6	31,9	55,4	12,7
Sombrio	40,0	52,3	7,6	33,5	56,7	9,8
Timbé do Sul	38,3	52,3	9,4	30,5	55,7	13,8
Turvo	37,7	53,4	9,0	30,0	58,3	11,7
AMESC	38,7	52,0	9,3	31,2	56,3	12,5
Santa Catarina	38,2	53,8	8,0	30,5	59,0	10,5

Fonte: Elaborado pelos autores com base em SEBRAE (2013)

Obs.: Jovens: até 19 anos; Adultos: de 20 a 59 anos; Idosos: 60 anos ou mais

As melhorias nas estradas, permitindo uma locomoção mais fácil, contribuem para esse aumento da população. Parte das residências em Balneário Arroio do Silva e Balneário Gaivota destina-se ao veraneio de habitantes de Araranguá e Turvo, no tocante ao primeiro, e de Sombrio, com respeito ao segundo. As melhores condições de transportes e comunicações estimulam algumas das pessoas com moradias mais ou menos próximas da franja litorânea a residirem nos balneários. Os atrativos incluem a maior tranqüilidade, o significado da proximidade do mar e, não com pouca importância, o menor custo, não sendo raro ocorrer a venda da outrora primeira residência.

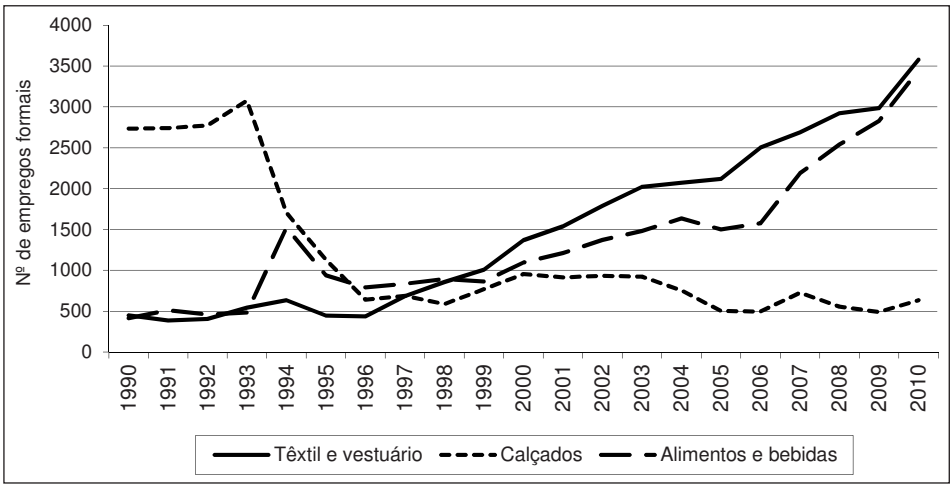
A "litoralização" traduz a dinâmica da economia, evidentemente. As empresas tendem a se instalar em municípios onde é mais fácil o escoamento das suas mercadorias, como ocorre em instalações em Araranguá e Sombrio, bem situados em relação à BR-101, além de serem os maiores municípios da região. Ambos são, igualmente, o primeiro (Sombrio) e o terceiro (Araranguá) municípios com os menores números de idosos, o que estaria a refletir uma maior oferta relativa de emprego, tornando-os mais atraentes para jovens de municípios interioranos, que migram de suas áreas de origem.

De fato, a indústria é o grande setor que mais emprega no extremo sul, de uma maneira geral, com percentual (36%) superior à média catarinense, escala em que os serviços aparecem como o grupo mais empregador. Ora, Araranguá e Sombrio concentram a atividade industrial da região, devendo-se assinalar que o parque industrial do segundo, onde o carro chefe é a produção de roupas, revela-se melhor estruturado atualmente do que o do primeiro, segundo depoimento do secretário da AMESC, coordenador das atividades institucionais ligadas à economia.

Com efeito, Sombrio apresenta-se como um centro de gravidade regional no segmento industrial que mais emprego tem gerado no extremo sul: o de artigos de vestuário pela confecção de roupas. Como essa indústria apresenta elevada informalidade, com o uso generalizado de trabalhadores em domicílio e microempresas de fundo de quintal, o trabalho na produção de roupas é muito mais representativo do que deixam transparecer os dados sobre empregos formais (obtidos na Relação Anual de Informações Sociais, do Ministério do Trabalho e Emprego). Em segundo lugar na evolução dos empregos industriais aparece a produção de alimentos, principalmente no processamento de carne de frango e também no beneficiamento de arroz. Um terceiro setor, de importância histórica porém com trajetória de fortes perdas de postos de trabalho nos anos 1990, é o calçadista: como já assinalado, o efeito da abertura comercial brasileira, amplificada pela valorização da moeda brasileira desde o Plano Real, foi devastador para essa indústria. A figura 3 apresenta a trajetória desses empregos entre 1990 e 2010.

Outro aspecto a ressaltar nesse processo geral é que, assim como nos litorâneos Balneário Arroio do Silva e Balneário Gaivota, a proporção de idosos é comparativamente alta nos municípios próximos da Serra Geral, como Jacinto Machado, Timbé do Sul e Praia Grande. Esses resultados exibem, no entanto, determinantes distintos nos dois grupos de municípios. Nos interioranos, o envelhecimento da população decorre da "fuga" dos jovens perante a situação de encurtamento das possibilidades de reprodução social. Nos litorâneos, resultaria do magnetismo exercido pelos acenos de uma melhor qualidade de vida junto a contingentes aptos, em termos financeiros e outros, a usufruir de tal condição.

Figura 3 – Empregos formais nas principais atividades industriais do extremo sul catarinense – 1990-2010



Fonte: Elaborado pelos autores com dados do MTE/RAIS

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O extremo sul de Santa Catarina testemunhou importantes movimentos na sua socioeconomia nas décadas correspondentes ao crepúsculo do século XX e ao alvorecer do século XXI. A produção de calçados, uma atividade enraizada historicamente, foi praticamente levada de roldão pelos efeitos das mudanças introduzidas no país. Em seu lugar, representando transferência de interesses que se beneficiou da tradição fabril existente, erigiu-se a indústria de roupas, em trilha de persistente expansão até agora, exibindo inclusive investidas longínquas. O processamento de carnes de frango estimulou uma avicultura que parece disposta a avançar tecnologicamente, embora perscrute o futuro com inquietação, pelo que pode vir a significar a forte penetração de grandes interesses externos.

No plano demográfico, claro que em conexão com os movimentos na esfera da economia, espaços no interior sofreram despovoamento enquanto a franja litorânea atraiu contingentes em volumes consideráveis. Isso representa problemas nas áreas de origem, pela perda de recursos de incontornável importância, impondo cenários de mais estagnação ou declínio. Representa problemas também nas áreas de destino, pois os municípios litorâneos do ex-

tremo sul catarinense não destoam significativamente, por suposto, do quadro brasileiro e catarinense quanto às carências da infraestrutura, ao encarecimento dos imóveis urbanos (talvez, em primeiro lugar, devido à especulação) e às promessas de ocupação e emprego que não raro se transformam em miragens.

Os desafios, portanto, estão à vista, como ocorre em tantas outras regiões do estado e do país. E a interpelação que tais desafios representam clama pela ação inteligente e comprometida, protagonizada no marco do espírito público, por parte dos responsáveis pelo planejamento do desenvolvimento e pela execução de medidas voltadas às necessidades e aos interesses da maior parte da população regional. Esse é o momento das lideranças capazes de mobilização junto ao tecido social, de promoção do debate consequente e de negociação em torno de objetivos a serem atingidos e de instrumentos a serem utilizados.

Haveria disposição para tanto no extremo sul de Santa Catarina?

RECENT ECONOMIC PROCESSES IN THE FAR SOUTH OF SANTA CATARINA: AN ESSAY

Abstract

The far south of Santa Catarina is hardly mentioned in studies about the state's economy. This article, partly based on fieldwork, looks at this region interested in the processes which have molded its trajectory and also in the possibility of gathering information about a territory that does not belong to the main economic axis of the state. The footwear production cycle registered in its history is looked upon just after some of the regional features are presented. Then the lasting presence of the apparel sector is considered, with its workers, factories and shopping centers. Also, the main farm products are indicated, and poultry production is treated in connection to meat processing activities. The last section before conclusion focuses what is called "*litoralização*", stated in a sharp contrast between rapid demographic growth in coastal *municípios* and absolute reduction of population in some inland ones.

Keywords: Far south of Santa Catarina; Recent processes; Footwear-apparel-food

JEL Classification: R11

7. REFERÊNCIAS

AMESC. **Relatório do movimento econômico da Microrregião de Araranguá.** Araranguá: AMESC, 2012.

ATACADO de confecções é inaugurado em Criciúma. **Engeplus**, 2 de mar. 2009. Disponível em: <http://www3.engeplus.com.br/conteudo.php?int=-noticia&codigo_not=13145>. Acesso em 10 nov. 2013.

BELTRÃO, L. M. V. **A industrialização em Sombrio/SC:** gênese e evolução. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

COSTA, A. B. da, FLIGENSPAN, F. B. a indústria de calçados e o Nordeste brasileiro. ENCONTRO DE ECONOMIA E ECONOMETRIA DA REGIÃO SUL, I, Florianópolis. *Anais*... Florianópolis: UFSC, Anpec, 1998. (CD-ROM).

EMPRESÁRIOS de Sombrio aderem ao movimento do sistema FIESC. **Prefeitura Municipal de Sombrio**, 12 jul. 2013. Disponível em: http://www.sombrio.sc.gov.br/noticia/2013/07/empresarios-de-sombrio-aderem-ao-movimento-do-sistema-fiesc. Acesso em: 20 jan. 2014.

EPAGRI lança três novas variedades de arroz irrigado: branco, vermelho e preto. **EPAGRI**, 6 mar. 2013. Disponível em: http://webimprensa.sc.gov.br/paginas/index.asp?codigon=85140

GOULARTI FILHO, A. Diversificação produtiva no sul de Santa Catarina: uma contribuição à história econômica regional. In: GOULARTI FILHO, A. (Org.). **Ensaios sobre a economia sul-catarinense II**. Criciúma: UNESC, 2005, p. 13-28.

_____. **Formação econômica de Santa Catarina**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

GOULARTI FILHO, A.; JENOVEVA NETO, R. **A indústria do vestuário**: economia, estética e tecnologia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

GRACIOLLI, P.; VARGAS, G. T. O ajuste regressivo do setor de calçados em Araranguá nos anos de 1990. In: GOULARTI FILHO, A. (Org.). **Ensaios sobre a economia sul-catarinense II**. Criciúma: UNESC, 2005. p. 121-138.

GRUPO vai instalar shopping atacadista. **Diárioweb**, 25 set. 2011. Disponível em: http://www.diarioweb.com.br/novoportal/noticias/economia/79044,,Grupo+vai+instalar+shopping+atacadista+de+confeccoes.aspx . Acesso em: 10 nov. 2013.

HOBOLD, P. **A história de Araranguá:** reminiscências desde os primórdios até o ano de 1930. Araranguá: Palmarina/EST, 1994.

JBS aluga fábricas de processamento de aves em SC. **Brasil Econômico**, 31 jan. 2013a. Disponível em: http://brasileconomico.ig.com.br/noticias/jbs-aluga-fabricas-de-processamento-de-aves-em-sc_128011.html Acesso em: 20 jan. 2014.

JBS compra Seara Brasil – empresa possui unidade em Forquilhinha. **Portal Clicatribuna**, 10 jun. 2013. Disponível em: http://www.clicatribuna.com/noticia/jbs-compra-seara-brasil-empresa-possui-unidade-em-forquilhinha-92748 . Acesso em: 31 out. 2013.

MACIEL, S. G. **Raízes locais do atraso industrial de Araranguá**. Criciúma, 2006. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade do Extremo Sul Catarinense.

NESTE domingo inaugurou o Portal Shopping de Maracajá. **Correio do Sul**, 6 set. 2010. Disponível em: http://www.grupocorreiodosul.com.br/jornal/noticias/variedades/nestedomingoinaugurouoportalshoppingdemaracaj-/ . Acesso: em 10 nov. 2013.

RAMOS, J. O complexo agroindustrial do arroz irrigado no extremo sul catarinense. ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, XVI, jul. 2010, Porto Alegre. **Anais**...

ROCHA, F. G. **Os subespaços rurais na expansão urbana de Araranguá – SC**. **Florianópolis, 2004.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

SEBRAE-SC. **Santa Catarina em números – relatórios municipais**. Florianópolis: SEBRAE-SC, 2013. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/uf/santa-catarina/acesse/estudos-e-pesquisas/sc-em-numeros/municipais/relatorios-municipais/. Acesso em: 31 out. 2013.

SHOPPING Prime lança São João do Sul como polo de compras. **Correio do Sul**, 01 ago. 2013. Disponível em: http://www.grupocorreiodosul.com.br/jornal/noticias/principal/shoppingprimelan-as-ojo-odosulcomopolode-compras/ . Acesso: em 10 nov. 2013.

WORKSHOP sobre Dark House na avicultura é destaque do XII Seminário Técnico científico de Aves e Suídos na AveSui 2013. **AveSui**, 15 fev. 2013. Disponível em: http://www.avesui.com/noticias/workshop-sobre-dark-house-na-avicultura-e-destaque-do-xii-seminario-tecnico-cientifico-de-aves-e-suinos-na-avesui-2013/20130215113513_H_875 . Acesso em: 31 out. 2013.